



## A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### *THE CONTRIBUTION OF PLAYFULNESS IN CHILDHOOD EDUCATION*

 **Maria Eduarda de Alvarenga**

Graduanda em Pedagogia  
Universidade Estadual de Maringá – UEM.  
Maringá, Paraná – Brasil.  
[dudaalvarenga22@gmail.com](mailto:dudaalvarenga22@gmail.com)

 **Leonor Dias Paini**

Doutora em Educação  
Universidade Estadual de Maringá – UEM.  
Maringá, Paraná – Brasil.  
[leonorpaini@gmail.com](mailto:leonorpaini@gmail.com)

**Resumo:** Esta pesquisa buscou compreender de que modo os professores se apropriam do conhecimento sobre ludicidade e como se instrumentalizam para a prática pedagógica. Como procedimento metodológico, nos utilizamos de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-prático, com os seguintes passos: seleção, leitura de artigos e obras sobre a ludicidade; coleta de dados por meio da aplicação de um instrumento de pesquisa (questionário) em 30 (trinta) professoras atuantes em Centros de Educação Infantil do município de Maringá-PR., e posteriormente realizamos a análise de dados dos sujeitos pesquisados. Como resultado, constatamos que foi possível aprofundar os estudos sobre o significado da ludicidade e verificar a sua relevância na prática pedagógica no contexto escolar e permite uma maior interação e socialização dos alunos, na perspectiva do educador infantil.

**Palavras-chave:** ludicidade; educação infantil; prática pedagógica.

**Abstract:** This research sought to understand how teachers appropriate knowledge about playfulness and how they are instrumental in pedagogical practice. As a methodological procedure, we used a qualitative research, of theoretical and practical character, with the following steps: selection, reading of articles and works on playfulness; data collection through the application of a research instrument (questionnaire) in 30 (thirty) teachers working in Childhood Education Centers in the city of Maringá-PR, and later we performed the data analysis of the researched subjects. As a result, we found that it was possible to deepen the studies on the meaning of playfulness and verify its relevance in pedagogical practice in the school context and allows for greater interaction and socialization of students, from the perspective of the child educator.

**Keywords:** playfulness; child education; pedagogical practice.

#### Para citar – ABNT NBR 6023:2018

ALVARENGA, Maria Eduarda de; PAINI, Leonor Dias. A contribuição da ludicidade na educação infantil. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 253-267, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v20n1.18481>.

## Introdução

As linhas e entrelinhas do presente trabalho são tecidas com a constante preocupação de repensar a educação infantil e as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto, especialmente, o lúdico, entendido aqui como expressão do brinquedo, da brincadeira e do jogo. De tal modo a verificar como os professores se apropriam da temática ludicidade e como se instrumentalizam ao aplicá-la em sua prática pedagógica. Este artigo procura apresentar o resultado de uma pesquisa de campo com 30 (trinta) professoras atuantes em Centros de Educação Infantil, da rede pública de ensino, na cidade de Maringá/PR. Momento crucial para dar voz a educadora infantil que se apresenta como mediadora do processo educacional.

As educadoras, entendem que as atividades lúdicas, além de prazerosas, podem ser o caminho para que os alunos compreendam e reflitam o mundo em que vivem. Com as brincadeiras, o aluno experimenta, inventa, reinventa e atua de maneira eficaz enriquecendo sua vivência e sociabilidade. Segundo Vygotsky (1998, p. 84) “as crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, as criações de situações imaginárias surgem da tensão do indivíduo e a sociedade”. Para este autor, a brincadeira traduz-se como uma fonte única de conhecimento e aprendizado, pois, à medida em que a criança brinca, ela se apropria de suas potencialidades.

Em busca de investigar como as educadoras infantis significam o lúdico na sua prática pedagógica, procuramos elaborar questões que promovessem a identificação de aspectos lúdicos que elas utilizam no cotidiano escolar, bem como ter uma maior compreensão sobre a função que ele exerce na educação infantil. Procuramos retomar o lúdico no universo dessas educadoras, enfatizando a memória da infância como valioso instrumento para se questionar o presente. Entendemos que retornar às brincadeiras, aos brinquedos e às relações estabelecidas no passado constitui uma forma de conscientização das educadoras sobre a própria vida e sobre os jogos de infância, como parte do seu processo de formação, tendo como fundamento teórico-filosófico a perspectiva histórico-cultural.

Este artigo apresenta num primeiro momento a finalidade da ludicidade no desenvolvimento da criança e o papel do professor. Num segundo momento, explicita os procedimentos metodológicos e análise de dados na visão das educadoras infantis foram convidadas a nos responderem a um questionário semiestruturado com 15 (quinze) questões relacionadas a ludicidade na prática pedagógica e num terceiro momento, apresenta os resultados e discussão dos dados sobre as concepções sobre a ludicidade no desenvolvimento infantil.

## 2 A finalidade da ludicidade no desenvolvimento da criança e o papel do professor

Há uma compreensão comum de que o lúdico é ligado a brincadeiras, diversão ou algum passatempo na prática pedagógica, contudo, de acordo com Kishimoto (2009) essa perspectiva é derrubada ao ser afirmado pela autora que o lúdico abrange uma das principais ações para o desenvolvimento de uma criança, sendo considerada como provavelmente a fase mais importante do desenvolvimento humano. Isso acontece pois durante a infância a criança vivência com intensidade cada momento de seu desenvolvimento por meio de brincadeiras e outras atividades lúdicas. Nesse sentido, Kishimoto (2010) corrobora ao dizer que ao brincar a integração social, o equilíbrio emocional e a atividade intelectual são exercitadas, ainda que é durante esse momento em que se tem a formação de amizades. Nessa linha de pensamento, Santos (1997, p. 12), que é um autor atuante na ideia de que o lúdico contribui para aprendizagem e para a construção do conhecimento e socialização, defende “o desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento”

Em colaboração a esse ponto de vista, Carneiro e Dodge (2007) afirmam que o brincar é uma importante forma de comunicação por meio do qual a criança cria o seu cotidiano. A brincadeira facilita a aprendizagem e faz com que a criança desenvolva diferentes habilidades e, nessa mesma direção, Teixeira (1995) afirma que um dos motivos mais frequentes que levam o professor a inserir ‘momentos lúdicos’ em sala de aula é o interesse comum que os alunos têm por esse momento, já que, mesmo não percebendo, a criança acaba explorando suas percepções, aguçando a sua curiosidade e abrindo portas para experiências do novo, pois a cada brincadeira direciona um olhar diferencia ao objeto utilizado. Vale destacar que a escola é uma instituição de grande importância para esse processo desenvolvimento, uma vez que dentro dela, os profissionais devidamente capacitados, conseguem elaborar atividades que promovem essa evolução intelectual e física, ainda que a ludicidade é uma ferramenta usada pelos professores como forma de construir na criança um novo conceito de mundo, cerceado pela afetividade, criatividade e sociabilidade, atribuindo significado, produtividade e prazer nas atividades escolares.

Em relação ao desenvolvimento infantil, Vygotsky (1998) afirma que é possível verificar o desenvolvimento infantil, determinando ao menos dois níveis: o primeiro seria o Nível de Desenvolvimento Real (NDR), que se caracteriza pelas ações que a criança já realiza sozinha; o segundo consiste no Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP), que se refere às ações realizadas pela criança com a ajuda de outros, seja por imitação ou demonstração. E, o que faz no presente com ajuda do adulto e/ou uma criança mais velha certamente no futuro, fará sozinha. Observa-se que se pode examinar não só o que foi produzido pelo seu desenvolvimento, mas o que produziu

no seu processo de maturação. Ainda nas palavras de Vygotsky (1988) a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a distância entre o NDR e NDP e constitui-se no espaço de mediação que pode ser feita por um instrumento, um objeto, por alguém próximo, pelos pais e ou professores.

Uma das atividades importante para a criança definidos por Vygotsky (1998), são os jogos simbólicos ou ‘faz-de-conta’, pois estes expressam a capacidade de representação e imitação nos quais a criança experimenta diferentes papéis e diferentes funções sociais, generalizadas por meio da observação do mundo dos adultos. Neste brincar a criança cria um mundo imaginário, bem próximo do mundo real adulto, logo, é possível dizer que a ludicidade potencializa o desenvolvimento infantil ao facilitar a socialização e a integração da criança na sociedade.

Nesta forma de pensar, entende-se que o brincar auxilia a criança no seu crescimento afetivo, emocional, intelectual, físico e social. Kishimoto (2009) relaciona tal crescimento, à prática do professor, ao apropriar-se de técnicas e habilidades para proporcionar ao seu aluno, um ambiente que motive e estimule sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Para autora, a proposta da escola deve ser embasada nos preceitos lúdicos, de modo em que os conteúdos sejam introduzidos pelo professor no decorrer de brincadeiras, desprendendo-se dos conteúdos ‘teóricos’ de sala de aula, promovendo o novo. Para dar consistência a essa ideia, Kishimoto (1995, p. 61) ressalta que

[...] os conteúdos veiculados durante as brincadeiras infantis bem como os temas de brincadeiras, os materiais para brincar, as oportunidades para interações sociais e o tempo disponível são todos fatores que dependem basicamente do currículo proposto pela escola (1995, p. 61).

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional da educação infantil (1998) afirma que o desenvolvimento da criança acontece por meio da ludicidade, portanto, para que a criança tenha um desenvolvimento completo, é importante que ela brinque. Segundo o documento:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver capacidades importante tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (REFERENCIAL CURRICULAR, 1998, p. 22).

De acordo com Santos (1997), as atividades lúdicas são ferramentas para o desenvolvimento psíquico, dessa forma, para o autor, a afirmativa “brincar é viver” é bem aceita e usada, pois, o brincar faz parte da história da humanidade, todas as crianças gostam de brincar e quando brincam sentem prazer e alegria, embora algumas crianças brincam para controlar as tristezas e angústias. O autor também aborda um enfoque teórico sobre o brincar: no ponto de

vista filosófico, o brincar é opor a razão, emoção e razão ambas se unem; do ponto de vista psicológico o brincar está presente em todas as situações as quais a criança apropria-se de costumes, leis, regras e hábitos mediante a interação com meio, o brincar está presente nas diferentes relações, o que permite a criança entender melhor o mundo. Assim, compreende-se que a função do profissional docente neste cenário, deve contemplar a atenção no planejamento das atividades lúdicas a serem executadas, objetivando o desenvolvimento do aluno, instigando-o a pensar criticamente e a superar de dificuldades. Contudo, é importante destacar que o brincar não deve estar presente somente no ambiente escolar, mas também no dia a dia da criança.

### 3 Procedimentos metodológicos e análise de dados

Como parte essencial desse capítulo, elaboramos um questionário a ser respondido por trinta educadoras da rede municipal de ensino em Maringá, com quinze perguntas acerca da visão delas sobre a ludicidade no ensino. É importante destacar que essas profissionais são atuantes ativas na educação infantil e responderam a esse formulário de forma anônima como forma de prezar pela sua identidade.

As questões presentes no questionário foram as seguintes: 1) Para você, o que é “ludicidade”?; 2) O que você faz em sua sala de aula que é lúdico para as crianças?; 3) Você estabelece objetivos para suas práticas lúdicas? Quais?; 4) Na sua escola tem espaço para brincar?; 5) Você já realizou algum teatro (dramatização) com seus alunos? Qual?; 6) Qual livro você já trabalhou com seus alunos que foi bem lúdico?; 7) Quais jogos você já brincou com seus alunos?; 8) Qual brincadeira seus alunos mais gostam de brincar? Cite ao menos duas.; 9) Você tem o costume de cantar com seus alunos? Qual música?; 10) Você considera importante a brincadeira na Educação Infantil?; 11) Como seus alunos se comportam enquanto estão brincando?; 12) Na sua escola tem o Dia do Brinquedo?; 13) Você já estudou na faculdade algum conteúdo lúdico e depois desenvolveu em sala com as crianças? Se sim, qual?; 14) Você já desenvolveu em sala os jogos cooperativos? Cite-os.; 15) Para você, qual é a finalidade da ludicidade em um centro de educação infantil? Vale elucidar que as questões aqui citadas serviram como instrumento para a tabulação e análise dos dados, portanto, sendo de extrema importância para a realização da pesquisa.

No que tange à primeira pergunta do questionário: “1) Para você, o que é “ludicidade?”, grande parte das educadoras responderam que a ludicidade se refere ao jogo ou a brincadeira, e poucas vezes, algumas delas mencionaram o brinquedo como complemento a resposta. Apenas uma educadora respondeu a essa questão de forma mais elaborada dizendo que a ludicidade é um

recurso para ensinar de maneira divertida, e outra entende que a ludicidade é uma experiência de si ou do outro.

Já na segunda questão: “2) O que você faz em sua sala de aula que é lúdico para as crianças?”, dezenove professoras falaram que trabalham com a musicalização na sala de aula (cantos infantis, tais como cantiga de roda e outras), ainda que estas profissionais relataram que fazem a realização de brincadeiras como amarelinha, faz de conta, brinquedos (massinha de modelar, lego, etc.) como forma de complementar a sua atuação. Desse grupo de docentes, somente nove mencionaram os jogos e a contação de história das literaturas infantis, com o uso da dramatização, fantoches e teatro, e apenas uma citou a pintura como algo lúdico. Sobre essa questão relacionada as práticas lúdicas tidas nos Centros infantis, trazemos a resposta de uma das participantes da pesquisa:

“A que mais gosto é levar meus alunos para brincar em espaço aberto, brincando com terra, pedrinhas, pauzinhos, folhas e flores, onde eles têm esse material para brincar de faz de conta elaborando a função de objetos e funções e papéis de adultos. Gosto de brincar com sucata, também na elaboração da de função desses objetos, que se transformam” (Educadora 1 - 36 A.).

Com relação a terceira questão feita às entrevistadas: “3) Você estabelece objetivos para suas práticas lúdicas? Quais?”, vinte e seis professoras responderam que estabelecem objetivos para suas práticas lúdicas e apenas 4 entrevistadas afirmaram que nem sempre estabelecem um propósito e algumas vezes que deixam as crianças brincarem livremente. No que tange às respostas dadas pelas vinte e seis professoras, o quadro ficou dividido da seguinte forma: sete afirmaram que a interação social é um dos principais objetivos, sete apontaram o desenvolvimento da criatividade e imaginação, cinco educadoras indicaram o desenvolvimento da coordenação motora como objetivo importante que precisa ser levado em consideração nas práticas lúdicas e por fim sete professoras responderam que o principal objetivo era o aprendizado das regras.

Na quarta pergunta do questionário: “4) Na sua escola tem espaço para brincar?”, das as trinta entrevistadas alegaram que possuem um espaço na escola destinado a realização de brincadeiras e atividades lúdicas. E na quinta questão: “5) Você já realizou algum teatro (dramatização) com seus alunos? Qual?”, o total de vinte professoras alegaram que realizam teatros (dramatização) ao menos uma vez no ano com seus alunos. Dentre as obras infantis utilizadas para a promoção de tal prática, destacaram-se as histórias: Chapeuzinho Vermelho, O grande rabanete, Três porquinhos, João e Maria e O patinho feio. Apenas dez educadoras disseram que não possuem o ‘costume’ de realizar teatro com seus alunos.

No que se refere a sexta questão: “6) Qual livro você já trabalhou com seus alunos que foi bem lúdico?”, houve muitas referências, uma delas foi O livro “Douglas quer um abraço” de David Melling que recebeu seis indicações. Outras onze entrevistadas apontaram as histórias “A cesta da

dona Maricota” e “O grande rabanete” ambos da autora Tatiana Belinky como obras riquíssimas para desenvolver o lúdico com as crianças, três professoras citaram o livro “O patinho feio”, três mencionaram a literatura “Chapeuzinho Vermelho”, e duas apontaram a obra “Menina bonita do laço de fita”.

O total de quinze entrevistadas responderam a sétima pergunta do questionário: “7) Quais jogos você já brincou com seus alunos?”, apontando jogos variados como: basquete, vôlei, queimada, batata-quente, entre outros que envolvam o uso da bola, nas palavras de uma delas: “Levo no parquinho que fica do lado externo do CMEI, vamos no gramado jogar bola ao ar livre. No pátio, levo radio coloco músicas para dançar no coletivo ou em pares”. Outras catorze educadoras afirmaram brincar com jogos de cartas e peças com seus alunos (quebra-cabeças e jogo da memória foram os mais citados). Também mencionaram brincadeiras como amarelinha, pega-pega, pular corda e outros. Somente uma professora alegou que não aplica brincadeiras para seus alunos já que eles estão no berçário.

No que diz respeito a oitava questão: “8) Qual brincadeira seus alunos mais gostam de brincar? Cite ao menos duas”. As respostas apresentadas pelas trinta professoras foram diversas. Uma delas relata que seus alunos gostam muito de brincar ao ‘ar livre’ explorando a natureza do CMEI e quando estão em sala optam por brincadeiras como o lego e outros brinquedos diversos. As brincadeiras que envolvem o uso de bola e o movimento de ‘corrida’, tais como pega-pega, basquete, vôlei, queimada entre outros, foram as mais mencionadas pelas entrevistadas, aparecendo em dezenove respostas. Apenas onze educadoras citaram que os alunos gostam mais de brincar no parquinho.

Já em relação a nona pergunta: “9) Você tem o costume de cantar com seus alunos? Qual música? ”, a resposta foi unânime, afirmando que costumam cantar com seus alunos e uma das profissionais ainda acrescenta: “Este costume para quem trabalha no berçário é primordial para o estímulo da oralidade e com isso o sucesso com a fala”. Dentre as professoras, cinco alegaram cantar músicas do grupo ‘Palavra Cantada’, que se caracteriza por canções infantis de linhas marcantes. Também foram citadas músicas como: ‘Borboletinha’, ‘Comidinha brasileira’, ‘Sapo cururu’, entre outras.

Com relação a décima pergunta do questionário: “10) Você considera importante a brincadeira na Educação Infantil?”, dez professoras consideram a brincadeira na Educação Infantil apenas importante e vinte consideram a brincadeira como parte essencial dessa etapa do desenvolvimento da criança. Contudo, na décima primeira questão: “11) Como seus alunos se comportam enquanto estão brincando?”, onze docentes responderam que discentes brincam tranquilamente, respeitando as regras pré-determinadas por elas. Outras dez educadoras afirmaram

que suas crianças ficam agitadas e fazem muito barulho durante as brincadeiras. E nove das profissionais disseram que o comportamento das crianças é muito relativo, ou seja, dependendo da brincadeira e/ou jogo que é desenvolvido, elas se mostram mais calmas ou mais agitadas. Observamos que no caso das respostas do último grupo de professoras, as situações conflituosas (entre as crianças), são comumente originadas quando a brincadeira é realizada em conjunto ou duplas.

No décimo segundo questionamento: “12) Na sua escola tem o Dia do Brinquedo?”, o total de vinte e quatro educadoras afirmou que nos Centros de Educação Infantil que trabalham, não existe o Dia do Brinquedo. Apenas seis professoras do grupo responderam a nossa pergunta dizendo que ainda existe um dia reservado especificamente para o brinquedo na instituição em que trabalham. Desse modo é possível perceber, que atualmente na maioria dos Centros Infantis não existe a determinação de um dia característico para o brinquedo.

No que tange a décima terceira pergunta: “13) Você já estudou na faculdade algum conteúdo lúdico e depois desenvolveu em sala com as crianças? Se sim, qual?”, dez das professoras responderam que já estudaram algum conteúdo lúdico ou recurso na faculdade, porém ainda não desenvolveram em sala. As demais vinte participantes, ou seja, a maioria firmou que já estudaram conteúdos lúdicos na graduação e citaram como principal exemplo utilizado por elas em sala, o recurso de Contação de Histórias ou Teatro aprendidos e aperfeiçoados na disciplina de Estágio Supervisionado.

Em relação a décima quarta pergunta: “14) Você já desenvolveu em sala os jogos cooperativos? Cite-os”. Um grupo pequeno de três docentes afirmaram que nunca desenvolveram jogos cooperativos com suas crianças, contudo, as demais vinte e sete educadoras revelaram que possuem a prática diária de desenvolver jogos cooperativos com as crianças, dentre eles os mais citados foram: escravos de Jó; telefone sem fio; cabo de guerra; brincadeiras de passar a bola; quebra cabeça em grupos; cirandas; contação de histórias coletiva. No que se refere a última pergunta: “15) Para você, qual é a finalidade da ludicidade em um centro de educação infantil? ”, as respostas obtidas foram variadas, no entanto a frase “desenvolvimento da criança” esteve predominantemente presente em todas as falas, o que demonstra um aspecto positivo pois podemos perceber que todas elas compreendem a finalidade da ludicidade como elemento fundamental para o progresso da criança na Educação Infantil. Dentre todas as respostas, destacamos o retorno de duas professoras, que caracterizam acertadamente os resultados que buscamos para as perguntas iniciais da pesquisa e, para não revelar a identidade das entrevistadas, denominamos os codinomes: Educadora 2 e Educadora 3.

– A finalidade é o desenvolvimento integral do indivíduo; desenvolvimento físico e motor; trabalhar as emoções; a afetividade; as capacidades superiores da criança; elaborar comportamentos por meio da interpretação de papéis, prepará-la para a vida em sociedade (Educadora 2 – 38 A.).

– É desenvolver na criança suas funções psicológicas superiores, sua imaginação, memória, atenção, criatividade e fantasia [...] É aproveitar a infância, o lado positivo, com jogos e brincadeiras os pequenos criam regras, manifestam sentimentos, se expressam. A educação infantil é a base para que a criança tenha liberdade e autonomia (Educadora 3 - 40 A.).

Nas falas das docentes, podemos perceber as ideias de Kishimoto (2009) ao ser ressaltado pela a autora, a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil, como um dos fatores primordiais tal evolução física, social e emocional. Dessa forma, no próximo capítulo, trataremos das análises obtidas por meio da entrevista realizada.

#### 4 Resultados e discussão

No decorrer do trabalho, discutimos acerca do papel da ludicidade, sobretudo, do brincar na educação infantil. Por meio da entrevista realizada, conseguimos explicar e compreender mais sobre o assunto, a partir da perspectiva de pessoas ligadas diretamente a ele, o professor. Assim como citado por Kishimoto (1995; 2009), o docente por meio da sua prática pedagógica, elabora conteúdos veiculados à brincadeira e ao lúdico como forma de criar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Dessa forma, evidencia-se que os professores têm um entendimento diferenciado sobre o brincar. Ao serem questionados sobre “O que é a ludicidade para você?”, o lúdico surge nas falas relacionado aos diversos materiais, as brincadeiras, aos jogos, e também como prioridade de instrumento para a aprendizagem. Aqui, destacamos as respostas das educadoras infantis, a maioria delas iniciam suas falas dando a ideia de que a sua percepção sobre o lúdico se restringe ao manuseio de objetos e de materiais pedagógicos, bem como o desenvolvimento de diferentes atividades.

Percebe-se então que o lúdico não é ligado somente ao brincar, a um passatempo, mas sim ao desenvolvimento e aprendizagem da criança. Sobretudo na educação infantil, onde ela vivência com mais intensidade o que é proposto a ela, uma vez que é nesse ponto do desenvolvimento que ela mais tem oportunidades de aprender e de evoluir nos meios sociais, emocionais, físicos e cognitivos. Segundo Vygotsky (2001), o brinquedo traz essas vantagens à medida que a criança estabelece com o brinquedo uma relação natural e, em situação imaginária, ela pode extravasar suas angústias, alegrias, tristezas e agressividades.

Consideremos, no entanto, que crianças em idade pré-escolar tendem a satisfazer suas necessidades e desejos em momentos imediatos, não premeditando o futuro. Muitas vezes, esses

desejos aparentam ser irrealizáveis. É aí que a criança se envolve e se transporta para o mundo dos brinquedos, das mais diversas fantasias, magias e das imaginações criativas, onde ela mesma alcança a realização dos desejos não-realizáveis, em uma situação imaginária.

[...] a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente (VYGOTSKY, 1998, p. 122).

A partir da citação, podemos compreender que o referido autor enfoca que na idade pré-escolar ocorre uma diferenciação entre os campos de significado e de visão, em outras palavras, durante a brincadeira a criança consegue vivenciar situações reais por meio da observação do seu grupo de convivência. Ou seja, a percepção visual é a experiência que ela tem por meio das relações sociais, e o significado é atribuído ao objeto de sua brincadeira por meio das situações reais. Tal fato é defendido por Vygotsky (2007) ao afirmar que “A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (VYGOTSKY, 2007, p.124) ”.

Completamos ainda que, o pensamento e ação, nessa fase, passam a ser promovidos pelas ideias. A criança utiliza-se de objetos reais e materiais para representar uma realidade ausente, por exemplo, uma boneca que faz às vezes de filha, na brincadeira de casinha. Aqui podemos analisar a questão dos campos de visão e de significação à medida que ela vivencia no seu meio social e o significado a brincadeira é atribuído conforme as situações reais que ela experimenta: a chegada de um bebê, os cuidados que tem que ter, forma de segurar, etc. Dessa forma, ela imagina e abstrai as características dos objetos reais e consegue deter-se no significado objetivado pela brincadeira. Em relação ao brinquedo, Vygotsky (1998) afirma que:

[...] no brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado (VYGOTSKY, 1998, p. 128).

Entende-se, então, que no brinquedo os objetos não possuem força determinadora, uma vez que a criança atribui o significado ao papel que o brinquedo tem na brincadeira, e não ao objeto em si. Nessa perspectiva, Elkonin (1998) contribui ao defender que o jogo é uma forma peculiar de atividade infantil e tem considerável contribuição, quando o mesmo possui como objeto o adulto, as ações e o sistema de relações estabelecidas com outras pessoas, algo intitulado por ela como “jogo protagonizado”. Em suas palavras:

[...] assim, a base do jogo protagonizado em forma evoluída não é o objeto, nem o seu uso, nem a mudança de objeto que o homem possa fazer, mas as relações que as pessoas estabelecem mediante as suas ações com os objetos; não é a relação homem-objeto, mas a relação homem-homem. E como a reconstrução e, por essa razão a assimilação dessas relações transcorrem mediante o papel de adulto assumido pela criança são precisamente o papel e as ações organicamente ligadas a ele que constituem a unidade do jogo (ELKONIN, 1998, p. 34).

Assim, podemos compreender que, nesse contexto, quando as crianças brincam, travam relações sociais com papéis determinados, assumem papéis e realizam atividades de adultos. Para as crianças, o importante é o cumprimento dos requisitos do papel e a subordinação dele às suas ações lúdicas. Ao falar sobre jogo infantil, não podemos esquecer sobre o emprego lúdico que as crianças atribuem aos objetos, a substituição de objetos cotidianos por outros, por exemplo, um cabo de vassoura vira cavalo-de-pau; há aqui a presença do simbolismo, o que Vygotsky (1998) denomina como “faz de conta” em sua teoria.

É imprescindível destacar ainda que é durante a infância onde o lúdico é usado como ferramenta para desenvolver habilidades sociais, emocionais, físicas e intelectuais, pois é por meio dele que é criado oportunidades de interação com as demais crianças, com o ambiente escolar e ainda é uma forma do próprio indivíduo expor suas emoções, imaginação e criatividade, como defendido por Kishimoto (2009).

Por meio das respostas das educadoras, conseguimos compreender melhor o papel do sujeito mediador no trabalho pedagógico, em outras palavras, o professor. De acordo com a teoria histórico-cultural, o docente é capaz de atuar na “zona de desenvolvimento proximal” do aluno, proporcionando situações de aprendizagem como forma de desenvolver a criança. O lúdico, por sua vez, se encaixa nesse cenário, como ferramenta do professor. Kishimoto, uma das seguidoras da teoria histórico-cultural, em um de seus livros afirma que o professor se apropria de habilidades para oferecer ao seu aluno um ambiente passivo de estimulação e aprendizado, e nesse cenário, encontra-se as brincadeiras. Isso evidencia-se na fala de uma das professoras entrevistada, em que ela relata o ambiente destinado para os alunos brincarem dentro das dependências da escola onde trabalha. Além disso, a professora entende que o brincar no Centro Infantil propicia a socialização e a interação das crianças:

– No momento de organizar a sala para irmos para outro ambiente (lá fora) brincar, eu percebo que é estimulado nas crianças uma grande interação [...] o CMEI é o momento mais livre que a criança pode brincar. Antigamente não havia tanta violência e os pais deixavam brincar no quintal, na calçada e com o vizinho, hoje isso não é mais possível. (Educadora 3).

Aqui podemos observar como não somente a questão a interação social, mas também física e intelectual são desenvolvidas por meio do brinquedo. Habilidades como rotina, obrigações,

socialização, compreensão do certo e errado, interpretação das necessidades, entre outras capacidades, são aprimoradas por meio de situações que envolvem o antes, o durante e o após as brincadeiras.

Acrescendo a essa discussão, ressaltamos que Vygotsky (1998, p. 133) discute três aspectos do brinquedo: 1- “[...] que ele não é o aspecto predominante da infância, mas é um fator muito importante no desenvolvimento”. É através do brinquedo que se cria a zona de desenvolvimento proximal na criança. A criança desenvolve-se via interação com outras crianças ou com adultos, ou seja, segundo o autor, o brinquedo é uma fonte de desenvolvimento. 2- “[...] quero demonstrar o significado da mudança que ocorre no desenvolvimento do próprio brinquedo, de uma predominância de situações imaginárias para a predominância de regras”. Aqui, no segundo aspecto, Vygotsky (1998) menciona a relação brinquedo-desenvolvimento. O brinquedo oferece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência, uma vez que ele possibilita a criança a oportunidade de planejar e vivenciar situações da vida real.

O terceiro aspecto: “[...] quero mostrar que as transformações internas no desenvolvimento da criança surgem em consequência do brinquedo”. Vygotsky (1998, p. 113) busca expressar nessa categorização que no brinquedo a criança é livre para poder determinar suas ações, contudo, na realidade, essa liberdade é ilusória, uma vez que suas ações são subordinadas aos significados atribuídos aos objetos.

Em algumas respostas dadas pelas educadoras, observamos também relatos de conflitos entre as crianças ao realizarem alguma brincadeira em conjunto. Acreditamos que o motivo desses conflitos está ligado a forma como cada criança interpreta e vivência a brincadeira e/ou o jogo, uma vez que durante o seu desenvolvimento, sobretudo na educação infantil, a criança passa por uma série de transformações, e uma delas é o aprender a compartilhar e a conviver com outro, deixando de ser, aos poucos, autocentristas<sup>1</sup>. A escola, por sua vez, possui um papel ativo nessa situação, à medida em que oferece um espaço onde as crianças precisam dividir tudo, materiais, professora, amigos, a sala de aula, a atenção, brinquedos, etc. Nada na escola é absolutamente propriedade única de uma criança, e esse processo de aceitação e adaptação é doloroso e pode resultar em situações agressivas.

De acordo com Lorenzoni (2015), tal momento é difícil para o aluno pois a realidade na escola é diferente do que em casa, com os pais, no seu quarto, com os seus brinquedos. Na instituição escolar, a criança precisa dividir tudo, e nesse momento de adaptação à nova experiência, ela pode querer testar a sua autoridade sobre os demais colegas ou irmãos menores como forma de medir os seus limites, já que para a criança, a autoridade é uma das poucas coisas que ela não

<sup>1</sup> Linha de raciocínio voltada para o próprio eu. Modo de pensar que envolve unicamente e exclusivamente a própria pessoa. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/autocentrismo/>. Acesso em 01/03/2021.

precisa dividir com os demais. Contudo, os conflitos acontecem quando outras crianças fazem o mesmo. A autora defende que as mordidas, os empurrões e outras formas de agressividade, ou ainda choros e birras, não são feitos com maldade, mas são uma ferramenta de escape para frustração que ela está sentindo devido a toda essa nova adaptação, ela não conhece outras formas de resolver e expressar o que ela está sentindo. As brincadeiras podem ser também uma estratégia de escape, onde normalmente a criança pode encenar o professor que detém a autoridade perante os demais alunos.

Nessa mesma direção, Leontiev (1978) salienta que o brinquedo não ocupa a maior parte do tempo de uma criança; ela brinca apenas algumas horas por dia, sem permanecer demoradamente em nenhuma atividade. Mas, assim mesmo, o brinquedo e os jogos, com suas regras, são considerados “atividade dominante” na vida de uma criança em idade pré-escolar, porque não importa tanto a quantidade de tempo que a criança brinca, mas sim o tipo de processo mental que a atividade lúdica pode desencadear.

De acordo com ele, é no jogo enquanto “atividade dominante”, e isso conseguimos perceber durante a entrevista com as docentes. Segundo o autor, a criança formará seu processo imaginativo e seu raciocínio abstrato, que, por sua vez, possibilitam mudanças psicológicas em determinado momento do desenvolvimento de sua personalidade.

## 5 Considerações finais

No decorrer dessa pesquisa fomos capazes de compreender e expor que a atividade lúdica não se resume a um passa tempo ou brincadeiras “sem sentido”, mas permite que a criança se organize mentalmente para a vida social, uma vez que a brincadeira na educação deve ser pensada visando à formação integral da criança, reconhecendo assim, o papel fundamental dessa ferramenta no desenvolvimento infantil. Dessa forma, pensamos ser importante repensar a inserção da ludicidade, elaborando propostas de trabalho diferenciado envolvendo atividades mediadoras que envolvam estratégias categóricas com a finalidade de favorecer um melhor relacionamento entre os alunos para então contribuir na construção social do sujeito.

Tal prática se tornaria possível por meio de incentivo ao estudo desse tema, e a formação de professores e conscientização da equipe escolar à medida que a ludicidade, se bem trabalhada, auxilia no desenvolvimento de diversas habilidades essenciais para a criança, como: linguagem, controle e expressão de emoções, afetividade, coordenação psicomotora, criatividade e interação social. Uma escola infantil deve oferecer condições pedagógicas, materiais, culturais, humanas e sociais como forma de proporcionar situações de aprendizagem por meio de ferramentas de apoio, quando necessário. A ludicidade, como vimos no decorrer dessa pesquisa, é uma delas. Na atuação

pedagógica atual, podemos observar que algumas professoras carregam essa bagagem de conhecimento, mas quantas outras carecem dela?

Concluimos que ainda há profissionais que não veem o lúdico como ferramenta de aprendizado, ligando-o a um papel que não o descreve, descartando o seu uso. Infelizmente, é comum nos depararmos com Centros Infantis que primam pela alfabetização e, concomitantemente, podam a liberdade de expressão da própria criança, deixando de lado a oportunidade de desenvolver sua imaginação, sua criatividade, sua fantasia e sua própria cultura. No entanto, a partir da nossa análise, é possível constatar que a maioria, nem todos, dos Centros Infantis têm buscado compreender a criança na sua totalidade. Priorizando promover a aprendizagem, por meio de práticas pedagógicas mais lúdicas e significativas, isso por conta da nossa realidade atual, contudo, há muito o que se fazer ainda.

Em resumo, compreendemos que esta pesquisa os permitiu uma reflexão sobre a criança que, por sua vez, reitera criativamente os seus “mundos”, criando, recriando e reinventando sobre eles, como, por exemplo, através do brincar e da linguagem. Desse modo, pensamos então numa criança ativa e construtora do seu próprio lugar na sociedade, enquanto sujeito. Eis por que vemos a necessidade de reavaliar o espaço que a criança tem na escola para viver a sua infância, e do verdadeiro papel da ludicidade na educação infantil. Por fim, concluimos que, para que o lúdico não perca os seus referenciais dentro dos centros de Educação Infantil, entendemos ser necessário que os educadores tenham acesso aos fundamentos teóricos que dizem respeito ao brincar e, conseqüentemente, aos ganhos que o mesmo traz para o desenvolvimento da criança.

### Referencias

CARNEIRO, M. A. B; DODGE, J. J. *A descoberta do brincar*. São Paulo, 2007.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KISHIMOTO, T. M. *Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação*. 15 edição. Petropolis: Ed. Vozes, 2009.

KISHIMOTO, O jogo e a educação infantil. *Revista Pró Posições*. Campinas: 2 (6): 46 -63, 1995.

KISHIMOTO, M.T(Org) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: cortez, 2010.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LORENZONI, Marcela. *Por que as crianças brigam?* In: Naescola.eduqa.me. Nov. 2015. Disponível em: <http://naescola.eduqa.me/desenvolvimento-infantil/por-que-as-criancas-brigam/>.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL/  
Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental-Brasília: mec/sef, 1998.

SANTOS, S, M.P. dos. (org). *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. RJ: Vozes, 1997.  
TEIXEIRA, C. E. J. *A ludicidade na escola*. São Paulo: Loyola, 1995

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 2. Ed. Porto Alegre: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7 ed. In: COLE, Michael; JOHNSTEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.